

2012 – Ano Internacional das Cooperativas

VI COLÓQUIO IBÉRICO DE COOPERATIVISMO E ECONOMIA SOCIAL
EMPREENDEDORISMO, EMPRESA SOCIAL E COOPERATIVISMO

M^a da Conceição Serrenho Couvaneiro (PhD, Psicologia)

Membro dos Corpos Sociais do CIRIEC, Portugal.

- Cooperadores e Participação Cooperativa -

1. Cabe-me falar, neste encontro, na participação dos cooperadores, nas cooperativas. A abrangência do tema bem como a sua polissemia torna esta tarefa difícil pois, a sua abordagem, pode ser considerado sob múltiplos ângulos. Poder-se-ia optar por explorar o tema pela vertente prática, porventura mais interessante, ou numa perspectiva reflexiva, que optei por seguir. Um dos aspetos que complexifica a questão é a sua linearidade, pois é claro que as cooperativas implicam, necessariamente, a existência de cooperadores. Não existissem cooperadores e não haveria lugar ao nascimento e vida das cooperativas. O que altera e dá sentido à proposição é, efetivamente, a questão PARTICIPAR. A forma de participação que norteia as práticas cooperativas fundamenta-se nos valores e convicções que lhe estão subjacentes e que os cooperadores prosseguem, ou devem prosseguir. Para melhor entender tais práticas devem colocar-se, à partida, questões tão estruturantes como: **porque adiro à cooperativa, como adiro, com que convicção o faço? O que é que efetivamente isso me muda e o que faço mudar?** Na resposta a estas questões, na conjugação de racionalidades e emocionalidades poderá residir a diferença, na participação. O que determina o meu compromisso com e na cooperativa. As razões que estão na génese deste modelo económico têm como base - **partilhar e por em comum, ajudar/ajudando-me** – não raro se têm vindo a substituir por razões – outras -, legitimadas, essas, no âmbito das racionalidades e dos processos de facilitação (económicas, jurídicas ou outras), que tendo origem em razões de natureza meramente instrumental, podem comprometer ou desvirtuar, o património estrutural, que determina este modelo económico: **os princípios e valores**, que apontam entre

outros, para a cooperação, solidariedade e responsabilidade. É claro que às cooperativas assiste uma pragmática funcional, operativa de empresa, que consiste em dotar os seus membros, de melhores condições de vida, a que todos legitimamente aspiram. Têm, por isso, que ser bem geridas, originar proveitos e dar resposta, aos problemas comuns (consumo, habitação, saúde, formação, cultura e lazer, entre outros...). Mas acrescenta-se a esta função, pragmática e instrumental, a função expressiva. Esta constitui, porventura, a sua vertente mais mítica e transcendental, em que não é apenas **só o que se faz**, mas **o modo como se faz**, que acrescenta de valor. Diria mesmo que é “almar” os atos da sobrevivência, transformando-os em inter-relação e ajuda: em atos de natureza humana. Tal determina crescer com os outros. Na vida das cooperativas não pode ser considerado um conceito sem o outro: o do interesse económico, pois são precisos bens, mas também o do envolvimento, partilha e construção conjunta, em que se afirmam as relações/interacções, os afetos. O TER e SER associados, na construção e partilha dos valores de natureza pessoal e social, que determinam, ou devem determinar, a vida nas cooperativas. A participação nestas de forma, responsável, empenhada e solidária. É que do mesmo modo que não é possível pensar a sociedade sem indivíduos, muito menos é possível pensar as cooperativas sem pensar nos cooperadores e nos cooperadores sem a sua participação, sejam quais forem os seus papéis ou funções, pois co-operar é operar, conjuntamente. É ser ator social, transformador das realidades, construtor de futuros. Todos igualmente importantes, a partilhar VIVER.

As cooperativas surgem, da vontade coletiva de grupos de pessoas que utilizam a via da cooperação para superar situações de deficit e fazer face às transformações e turbulências sociais. Têm por principal virtualidade responder aos justos anseios dos cooperadores. Funcionam tendo como núcleo a pessoa, considerado valor supremo e, numa perspectiva sistémica e holística, no respeito pelo ambiente. Estas relações assentam em processos de equidade, de cooperação e de solidariedade, vividos de maneira pessoal democrática e comunitária, por todos os seus membros. Os cooperadores, seu bem primordial, estão no centro deste modelo e assumem-se, ao mesmo tempo, como atores e construtores da sua vida, responsáveis por si próprios, pelos outros e pela comunidade. O modelo cooperativo, nos seus princípios e

organização, leva a cabo um desafio permanente, do coletivo e do individual, projetando-se na escala global. Deste modo, proporciona o reconhecimento e a aceitação do outro, enquanto parceiro de um mesmo destino. Conduz à percepção conjunta, dos problemas emergentes que afetam pessoas e grupos, num determinado momento histórico, tentando encontrar respostas para as necessidades e desafios, que lhe são colocados, face ao presente e ao devir. As cooperativas, que se baseiam no princípio da liberdade e da autonomia individual, conjugam nestes valores, os da solidariedade e da cooperação. Constituem-se como uma terceira via, a alternativa ao processo de produção, na defesa do homo "oiknómikos". Apesar da distância no tempo, desde a sua fundação, continua este modelo, a ser considerada mesmo pelos "gurus" da política económica, uma solução interessante para os cooperadores e para a economia "latus sensus". Implica constantemente o exercício da criatividade, a tomada de decisão e a capacidade de assumir riscos. Mas e se algo falhar...? Paciência, a vida também é risco e vale a pena ser vivida. O que mais importa é que se o que se empreendeu, o que se criou, o ter dado "as mãos" para utilidade própria e para o bem comum, o que foi tentado para a melhoria das condições de vida, próprias e de outros, **para o enriquecimento das relações interpessoais**. Neste contexto, cooperadores e cooperativas desenvolvem, entre si, dinâmicas de transformação recíproca, designado por **interestruturação**. Se os cooperadores formam e definem, as cooperativas estas, devido ao seu poder simbólico produzem, igualmente, mudanças nos membros que as formam, numa relação íntima, constante e dialética. Contribuem para o empoderamento dos cooperadores inculcando nestes o sentimento de ser causa, (ator social), reforçando, deste modo, a sua auto-estima e, conseqüentemente, a sua eficácia. Estas mudanças são particularmente sentidas nos momentos de crise social e económica pois são a alternativa à solução de problemas que outro tipo de modelos, aparentemente acéfalos e sem rosto, prosseguindo interesses de outra natureza, menosprezaram. O laborar e encontrar soluções conjuntas, úteis e responsáveis, que tenham em conta, o bem comum.

Numa perspectiva contingencial têm que saber reformular-se ajustando-se aos novos desafios. Têm que responder aos novos contextos, à evolução dos tempos. Atuar, pois, em novos universos. Os cooperadores têm que ser os melhores entre os melhores.

Nestas circunstâncias devem desenvolver, esforços redobrados de adequação às novas situações, e às novas realidades, que mobilizam ou devem mobilizar pessoas e estruturas sociais, no sentido de encontrar resposta às novas questões, num equilíbrio de forças e de poderes. Conforme A, Stern (1950, p-229) "*mobilizam-se energias interiores para por fim às situações de privação*" sejam estas de que natureza forem. Tudo num esforço conjunto de encontrar soluções comuns. Implicam e exigem estabelecer relações de poder partilhado e de co-responsabilização através de dinâmicas de participação. Este exercício vai-se alterando com o tempo e com as contingências, no devir da história, mas tem que implicar todos de forma solidária.

2. Mas quais são os novos desafios hoje? Terá este modelo perdido a sua atualidade?

Estou convencida que este é um modelo de completa e pertinente atualidade e por isso a 64^a Assembleia Geral da Nações Unidas perante a Resolução A/64/432 proclama 2012 como ano Internacional das Cooperativas aludindo à importância destas, para o desenvolvimento económico e social. Passados mais de século e meio sobre a sua criação, e num tempo especialmente conturbado, são as cooperativas chamadas, de novo, a cumprir uma missão messiânica de permitirem novos caminhos de esperança. Serem, enquanto organizações de carácter social, pioneiras dos novos tempos e, se possível, antecipar soluções aos problemas do futuro. Os desafios colocados hoje são os mesmos de outrora, a subsistência e a dignidade humana, mas outros se lhe acrescentaram, de outras naturezas. Colocam-se, hoje, outras problemáticas, sociais e ambientais. Numa perspectiva de territorialidade exigem a adesão conjugada, a causas que passaram de locais, a universais, (alterações ambientais, recursos hídricos, defesa). Cooperativas e cooperadores têm que encontrar as respostas adequadas, nomeadamente através da sociedade do conhecimento, da informação, pois grande parte da sociedade vindoura, não terá precedentes. Os problemas são mesmo de sobrevivência da espécie para os quais é necessário e urgente, encontrar soluções. A sociedade que se segue surge com novo mapeamento, novas configurações, onde é necessário atuar: uma população cada vez mais envelhecida e que, em menor número, é constituída por jovens. Estabelecer novos padrões relacionais, em que se articulem estas novas formas de saber – o dos mais velhos que continuaram a trabalhar e o dos mais novos, na procura das suas oportunidades e que configuram novas experiências e

saberes. Pela via cooperativa deve ser fomentado o diálogo inter-geracional para que produzam dinâmicas de crescimento e de coabitação profícua e pacífica. Um espaço de enriquecimento recíproco. O aumento da esperança de vida e com ela o aumento do número de idosos tem vindo, constantemente a aumentar. O declínio do número de jovens é também uma constante. Contar com o contributo dos idosos constitui um imperativo político e social a estes, devem associar-se os jovens.

Incentivar a cooperação entre os jovens e os idosos, como forma de promover os ideais de paz e de fraternidade, de respeito pelos direitos universais de defesa das pessoas, de liberdade e de solidariedade, é uma exigência dos novos tempos e do futuro. É um novo campo de atuação do cooperativismo, que ao mesmo tempo que deve dotar a juventude de oportunidades. De os integrar em actividades económicas e empresariais mais éticas, no diálogo intergeracional, ajustando-se assim, às novas realidades, conforme as directrizes da OIT¹ e da ACI² que recomendam:

- **ajudar jovens cooperadores, de países diferentes a estabelecer ligações, partilhar experiências e ideias;**
- **fornecer um ambiente em que jovens cooperadores possam aprender mais sobre o amplo movimento cooperativo;**
- **envolver jovens exteriores ao movimento através da educação e apoio;**
- **permitir aos jovens cooperadores que se envolvam com o resto do movimento por forma a evidenciar as temáticas da juventude e assegurar que elas estejam presentes durante as discussões, mais gerais, dos problemas que a todos afetam,**

Impõe-se, às cooperativas e cooperadores, uma tomada de consciência planetária no pensar global e agir local que passará porventura também pela implementação e formação para novos estilos de vida e de participação. Aos governos compete o seu reconhecimento e facilitação das ações cooperativas.

¹ OIT – Organização Internacional do Trabalho;

² ACI – Aliança Cooperativa Internacional.

É que “a riqueza somos nós” com as nossas competências, determinação, sonho e projetos. Por isso não pode haver, em nenhuma circunstância, cooperativas sem a participação/cooperação, dos cooperadores.

Ateneu Comercial do Porto

11 de Maio de 2012

M^a da Conceição Serrenho Couvaneiro